

CB
22/9/95 Pg 6

A falta de água no futuro

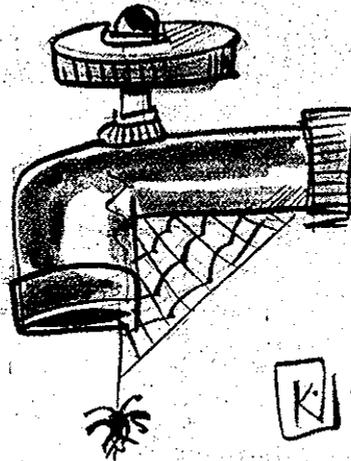
J.C. Todorov

Água é o bem mais valioso do que o homem pode dispor na natureza; seu valor cresce na medida em que ela escasseia. No Brasil, isso ocorre, de forma mais acentuada, nos estados do Nordeste, embora a capital do país também padeça desse mal, em função dos longos períodos de estiagem a que é submetida todos os anos, sendo que, agora, durou mais de quatro meses. Terá esse fato alguma implicação nas mudanças climáticas que estão ocorrendo no mundo? Mesmo regiões brasileiras que nunca sofreram a escassez de água terão, no futuro, que se preocupar com a questão.

As previsões dos institutos de pesquisa sobre o clima em todas as partes do planeta não são muito otimistas. Elas apontam para um aquecimento médio de alguns graus, o que acarretaria alterações nas regiões climáticas do mundo: Isso significa uma provável diminuição, na ordem de 5% a 35%, da precipitação pluviométrica nas regiões ao norte e ao sul próximas à faixa tropical. Um forte indicador da elevação global da temperatura é o degelo que vem ocorrendo na Antártida e no Pólo Norte. O maior iceberg já observado na História separou-se da Antártida no ano passado. O derretimento do gelo permanente em grandes quantidades eleva, aos poucos, o nível do mar. O contraste de temperatura entre mar e terra provoca ventos mais intensos e mudanças em sua direção. Com isso, as nuvens são desviadas para outras regiões, aumentando aí as chuvas, em detrimento de outras regiões, em especial daquelas onde nascem grandes rios ou onde há grande densidade populacional. Por outro lado, o cerrado fica mais seco, podendo também ocorrer um processo de desertificação em áreas que dispõem de água abundante durante a estação úmida.

O Nilo Azul nasce na Abissínia, uma região montanhosa com precipitação pluviométrica anual acima de 2.000mm. Qualquer redução nesses índices teria efeito desastroso so-

Uwe Troger



bre os países que dependem da água desse rio, o mais longo do mundo. O Nilo representa a maior riqueza para o Sudão e o Egito. Como se trata de terras completamente áridas, ali a agricultura depende da água do rio para fins de irrigação. No final dos anos 80, houve uma redução das chuvas nas montanhas da Etiópia, justamente na estação úmida. Com isso, a gigantesca represa de Assuan ficou quase sem água, e suas turbinas tiveram que ser desligadas.

Outra região que também já foi afetada é o sul da Península Ibérica. Ali, a redução das chuvas nos últimos cinco anos foi tão drástica que deixou vários rios com pouca ou praticamente nenhuma vazão. O exemplo mais impressionante foi o do rio Tinto, que nasce numa área de jazidas de ferro e mercúrio. Ele secou, e em seu leito surgiu uma crosta de óxidos metálicos. O solo cobriu-se de uma camada dura, quase como de concreto, sofreu degradação, acarretando, com isso, sérios prejuízos para a agricultura e uma elevação da taxa de desemprego, que atingiu o nível mais alto dentre os países da União Européia. Além disso, a seca que se verificou ali provocou também uma migração intensa para as grandes cidades do sul da Espanha.

Uma queda permanente nos níveis de precipitação pluviométrica anual

Detlef Walde

no Brasil Central certamente provocaria uma situação similar à do ano passado, quando grandes represas como a de Três Marias e de Três Ranchos viram minguar seu volume de águas. Além disso, tal redução no nível de chuvas seria ainda mais drástica do que aquela prevista para outras regiões climáticas, deixando o país em sérias dificuldades em termos de geração de energia hidrelétrica.

A indústria brasileira, em franco processo de desenvolvimento, pode sofrer prejuízos em função de uma eventual redução significativa de seus recursos hídricos. Isso pode elevar os custos de produção e comprometer seriamente a produtividade de diversos setores da economia, como a indústria química, a siderurgia, a mineração e outros.

A se confirmarem essas previsões pessimistas, a escassez de água se tornará o grande problema do Distrito Federal, tendo em vista que o abastecimento de água em Brasília e no Entorno entraria em colapso. Dá para imaginar o que aconteceria se as represas de Brasília ficassem sem água.

Essa problemática em torno das disponibilidades de água será o objetivo de um projeto científico interdisciplinar a se realizar entre universidades brasileiras (UnB e USP) e universidades alemãs, principalmente a de Berlim, em consonância com programas já existentes em diversos institutos científicos do mundo. É papel e dever das universidades pensar o futuro, antever problemas e estudar soluções alternativas. Não podemos nos limitar apenas a torcer para que tais previsões estejam erradas.

João Cláudio Todorov é reitor da UnB

Uwe Troger é professor e diretor do Instituto de Geociências da Technische Universität Berlin

Detlef Walde é professor do Instituto de Geociências da UnB